

Salas de audiência, diálogos e (ainda uma vez) janelas *

Mônica Sette Lopes

Juíza da 12ª Vara de Trabalho de Belo Horizonte

Professora dos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Direito da

UFMG

Doutora em Filosofia do Direito

Num texto publicado em 2005, um autor português, *António M. Nunes*, fala sobre as salas de audiência, sua estética, seu mobiliário, seus adereços. Historiador que é, sua abordagem percorre a memória e a perda da memória no que concerne a estes espaços de realização da justiça e termina com uma pergunta:

“Afinal com quantas peças se faz uma boa Sala de Audiências? Sem dúvida nenhuma com espaços desafogados, mobiliário funcional e adequado às funções, sistemas de insonorização, dispositivos de eficaz circulação natural de mensagens, capacidade de acolhimento dos utentes e dignificação dos que ali trabalham diariamente”¹.

Entender o espaço em que se acolhem os usuários da Justiça e a simbologia que nele (às vezes subliminarmente) se revela é parte relevante da compreensão da imagem que se tem dos processos de efetivação do direito. A mudança das Varas da Justiça do Trabalho de Belo Horizonte para um prédio mais confortável dá pertinência a essa indagação, até pelo acompanhamento sempre necessário do modo como se dará o uso das novas acomodações. O espaço é certamente melhor e mais funcional do que o anterior. As peças foram pensadas para necessidades atuais de uma sala de audiência.

Ultrapassadas as preocupações e as providências dos funcionários da secretaria com o arranjo do novo espaço, porém, devo confessar que o aspecto que me chamou mais atenção foi algo exógeno e insignificante: a janela.

António M. Nunes diz numa passagem de seu texto que, segundo uma descrição recuperada, nos tribunais oitocentistas, por detrás do Juiz, “existia quase sempre uma painel alusivo à Justiça ou o retrato do monarca reinante emoldurado dum baldaquino de madeira dourada e

* Esta tentativa de crônica inaugura e constitui um dos vértices a serem desenvolvidos como professora residente do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG na pesquisa do tema *Imputações no direito e na comunicação de massa: atravessando e ultrapassando universos (quase) paralelos*, no período de março/2009 a fevereiro/2010.

tecidos adamascados”². Atrás de mim, na antiga sala de audiências, havia uma janela. Atrás de mim, na nova sala de audiências, há uma janela.



Da janela da minha sala de audiências até dezembro de 2008, via a cidade descortinada. Reconheço que não havia beleza naqueles telhados. A visão deles era quase incômoda. Mas o que me acolhia era o céu sempre aberto que se sobrepunha a eles e também a imaginação do Rio Arrudas que passava sua correnteza ali perto, seguindo o vale de outros dias, de antes de ele ser fluxo de água urbano. A cidade espalhava-se pelo ar e, de certa forma, quando me postava naquela janela era com se saísse através dela. Era um hábito mesmo. Levantar no meio da audiência, no calor das discussões, e voar respirando para fora. Lá longe. Quase pegando uma estrada para onde a vista levava na direção de outro lugar. Ficava ali parada e quieta alguns segundos e voltava, quase renovada, para o reencontro das pessoas e a necessidade de reorganizar o caos em que as discussões às vezes tombam.

¹ NUNES, António M. Falando das salas de audiências. Diz-me onde te sentas... *Revista do Ministério Público*, a. 26, n. 103, jul.-set. 2005, p. 188.

² NUNES, op. cit., p. 179.



Daquela janela via ainda a Igreja aonde meu pai ia aos sábados, onde comprava amendoim com canela, onde o carro dele foi furtado da primeira vez em que saiu de casa depois de uma isquemia. Não sei se São Sebastião protege os da Justiça. Mas muitas vezes olhei para ela lembrando das flechas e da dor.

Havia uma recordação personalíssima retomada também no fato de que o cenário da janela, no quase invisível, apontava para a casa onde nasci e todas aquelas ruas, avenidas, esquinas, dali até lá, traduziam um mapa percorrido mil vezes desde a infância.

A reminiscência tão pessoal fazia emenda com o espaço dos fazeres públicos e, mesmo que nada dissesse, aquela antiga vista me dava uma paz enorme. Por isto, ainda que seja uma questão desprezível para a organização dos prédios onde a Justiça tem que funcionar, sabia que sentiria saudades de poder me esconder através daquela fresta, que me tirava do encontro instantâneo com o conflito por alguns segundos.

Quando o prédio mudou, pensei muito na perda desta janela – um refúgio aberto que ninguém talvez tenha percebido. E fui conhecer as novas instalações numa desesperança imensa com a vista. Sabia que a fantasia de repousar embrenhada no céu não seria possível. E esta não era uma questão digna de nota. Salas de audiência não precisam de janelas.

Ao entrar na nova sala deparei com janelas que se abrem para janelas. Atrás de mim, não haverá painel alusivo à Justiça nem retrato de monarca reinante emoldurado dum

baldaquino de madeira dourada e tecidos adamascados. Atrás de mim, estão outros juízes como eu, emoldurados pelo vão de suas próprias janelas, protegidos do sol pelas cortinas, trabalhando como eu. Atrás de mim, estamos todos nós de novo, repetidamente, espelhos, reflexos uns dos outros, infinitamente. Aquele vão para o qual todos nós estamos voltados tem graça diferente. Ele é espaço fechado para o vão recolhido em nós. É como se pudéssemos nos abrir e nos olhar uns para os outros no meio das audiências e reconhecer as nossas dificuldades e descansar nossas preocupações na certeza de que elas são de cada um. A paisagem agora somos nós e o que somos.

A descoberta disto fez-se por vias oblíquas. Os primeiros a perceber essa possibilidade de interação foram aqueles que têm olhos mais disponíveis para o conhecimento: os portadores de deficiência auditiva que trabalham nas secretarias das Varas. Quando calha de estarem ao mesmo tempo nas salas de audiência vazias, eles se espalham pelas janelas e esbanjam comunicação na linguagem dos sinais. São poucos segundos, é claro, porque eles têm trabalho. E, por isto, é uma comunicação cheia de sofreguidão, coberta do desejo de dizer tudo ao mesmo tempo. De celebrar o reencontro. Outro dia, participei de um desses diálogos. Não sei falar na língua dos sinais. Mas estava no meio deles. E aquele entreato entrecortado de alegria revigorou o sentido das coisas de que, às vezes, se descuida, se esquece.

Por isto, afinal, com quantas peças se faz uma boa Sala de Audiências? Sem dúvida nenhuma com espaços desafogados, mobiliário funcional e adequado às funções, sistemas de insonorização, dispositivos de eficaz circulação natural de mensagens, capacidade de acolhimento dos utentes e dignificação dos que ali trabalham diariamente. Mas uma sala de audiências faz-se, sobretudo, das pessoas que estão ali todos os dias. Do modo como se acolhem e se recolhem. Do modo como cuidam umas das outras. Do modo como se olham e se entendem. Da memória que vão tecendo de seus encontros. Da comunicação que estabelecem através de todas as janelas abertas. Uma sala de audiências faz-se em nós.